



RESUSCITOU !

ALLELUIA !

Onde estão esses soldados, guardas vigilantes que Pilatos, a pedido dos principes dos sacerdotes e dos phariseus, collocou à porta do sepulchro onde José de Arimathias encerrou o corpo de Christo ?

Que foi feito d'esses sellos com que apertaram a lapidá que fechava a entrada do sepulchro ?

Os soldados ahi estão por terra transidos de susto, e como mortos de temor !

Os sellos romperam-se, a pedra rolou para fora do seu logar, por effeito de um tremor !

Sobre o sepulchro está sentado um anjo de face resplandecente, e alvas roupas !

Dentro, por unico despojo do que ali esteve encerrado, só existe a mortalha !

As prophecias estão, pois, cumpridas. O Christo devia resuscitar ao terceiro dia, e resuscitou

Mas para que serve aquelle anjo ali ?

Duas Marias se encaminham para o sepulchro, e o guarda angelical lhes diz assim :

« Por vós não vos assusteis, pois sei que procurareis Jesus, o Crucificado : »

« Não está aqui. Resuscitou como disseste. Entrae, e vede o logar onde o Senhor foi depositado. »

« Daes-vos pressa em ir contar aos seus discípulos que elle resuscitou. Ja vai para Gáleia, será lá que o vereis. »

Os Evangelistas deram testemunho de que o Senhor lhes appareceu : os Apostolos o viram, e em Bethania assistiram á sua ascensão.

VOL. II. — 4.^a SERIE.

ABRIL, 10, 1858.

Neste acto acabou a lei antiga para começar a lei da graça.

Regosijemo-nos pois tambem, como almas christãs que somos, porque com a resurreição do Christo resurgiu a carne para a vida eterna.

Quem pode temer hoje a morte, quando pela graça do autor da natureza ella ficou vencida para sempre!

Quem acreditar será salvo; quem não crer será condenado. Palavras de Jesus ao despedir-se dos discípulos; palavras que são a pedra angular da fé, e a promessa da resurreição para todos.

Façamos, portanto, por viver eternamente n'aquelle seu reino, que deixou para nos vir resgatar, e para onde voltou a esperar-nos nos eternos canticos de uma perenne alleluia!

O VOTO DA CAMELLIA.

Vivia triste e saudosa
Longe de ti, minha irmã,
De mais valor, mais formosa,
De mais vida, e mais louçã.

Tu que ás minhas companheiras,
Serves d'inveja sem fim,
Apesar de feiticeiras
Eras tudo para mim.

Na roseira me finava,
Lidando d'ancia no afan.
E, debalde te chamava,
Minha formosa irmã.

Como assim desfalecesse,
À mão que me traz pedi
Que depressa me colhesse...
Qu'ria ver-me ao pé de ti.

Sou feliz, bem digo a sorte,
O que eu sonhava alcancei-o :
Pode vir agora a morte,
Quero esp'ral-a no teu seio.

1856.

A PRATA.

Este metal existe na natureza sob diferentes estados: ora se encontra no estado nativo, ora em massas amontoadas, mais ou menos consideraveis, ora regularmente cristalizado. N'algumas circunstancias se apresenta tambem em

forma de fibras mais ou menos contornadas, porém no geral a prata nativa poucas vezes é pura, e de ordinario está aliada com o oiro, cobre, ferro, chumbo etc.

O antimonio, sulphur, arsenico, chloro etc. são outros tantos mineralisadores da prata, e estes metaes tambem tem o nome de prata antimonial etc.

Algumas vezes a prata faz parte de combinações muito mais variadas, e muitas vezes não se descobrem estas minas senão pelas cores que as affectam; e assim se chamam prata rubra, negra, branca etc.

O Peru e o Mexico possuem minas de prata infinitamente mais productivas de que a reunião de todas que ha no velho continente. As celebres montanhas do Potosi encerravam-nas tão ricas, que os primeiros veios descobertos em 1545 quasi que se compunham só de prata; exploravam-se à flor da terra. Quanto mais se foi penetrando por ellas mais este metal se tornou raro. As minas do Mexico, que se descobriram posteriormente, são muito mais multiplicadas, e hoje ainda mais productivas d'que as do Peru.

As minas de prata em Hespanha, nos tempos antigos tão exploradas e multiplicadas, acham-se reduzidas a mui pequeno numero depois da descoberta da America.

A Alemanha conta algumas minas de prata importantes. Na França, as principaes acham-se nos departamentos do Isere e do Alto Rheno.

A mina de Konisberg, na Noruega, é uma das mais notaveis não só pela riqueza como pela singularidade da situação. Veios que tem quasi um metro de expressura atravessam o terreno em certa extensão, sendo formado de bancos quasi verticaes e muitas vezes paralelos entre si.

Este mineral tambem se apresenta em massas consideraveis. Em Santa Maria das Minas, no Alto Rheno, acharam-se, n'uma terra argilosa, pedacos d'este metal nativo, que pesavam vinte e nove kilogrammas. Alguns viajantes tem encontrado em certas minas barras do peso de duzentos kilogrammas.

Parece que este metal só occupa a parte meridional da America, e a parte septentrional da Asia e da Europa. O vasto continente da Africa julga-se desprovido d'elle.

Mr. de Humboldt observa que a prata se apresenta, em o novo continente, no meio de rochas matrizas que differem inteiramente das do nosso hemispherio. As ricas minas da Hungria e da Transylvânia apresentam-no no meio das rochas porphyricas, ao passo que em a Nova-Hespanha os veios mais abundantes estão encerrados n'um calcareo primitivo analogo ao dos Alpes.

A prata entra em fusão n'uma temperatura calculada, por alguns observadores, quasi em mil graus, ou vinte e dois graus do pyrometro de Wedgwood. É pouco volatil, e comtudo quando se conserva em fusão nos cadinhos, lança vapores, e perde algum tanto de peso. A temperatura extremamente elevada, como pela que se

produz á gaz oxygenio, a volatilisação é total, e os seus vapores ardem brilhantemente.

A prata não se decompõe a nenhuma temperatura da agua; este metal é inalteravel quer ao ar secco, quer ao ar humido. Pode mesmo, quando é perfeitamente puro, absorver o oxygenio, sem combinação. Segundo mr. Gay-Lussac, exposta ao ar no estado de fusão, pode absorver o oxygenio até vinte e duas vezes o seu volume, mas abandona-o apenas arrefece.

D'entre os corpos simples, o sulphur e o chloro são os que temi mais afinidade para com a prata: opera sobre um grande numero de compostos sulphurios e chloros aos quaes arrebata ou um ou outro d'estes elementos. Quando está em contacto com o hydrogeneo sulphurado, perde o brilho: este gaz produz então um sulphur de prata, de cõr negra. Vê-se enegrecerem as colheres de prata postas em contacto com o ovo ou outros alimento que contém sulphur.

Para restituir a estes utensilios o primitivo brilho, esfregam-se com um pouco de azeite, ou crê, ou uma tela fina embebida em ammoniaco. Quando assim continua a cõr enegrecida, então mergulham-se um instante no acido chlorydrico servendo, ou na dissolução de cameleão mineral.

Com o ammoniaco, o oxydo de prata dá um composto singular, conhecido pelo nome de *prata fulminante* que detona com extrema facilidade. Obtem-se esta combinação acrescentando ao oxydo de prata o ammoniaco liquido até a mistura ficar reduzida a um estado de massa líquida mui clara: abandona-se depois á evaporação espontanea, e obtem-se, ao cabo d'algumas horas, um residuo solido, de cõr pardacenta, que é a prata fulminante.

Um leve calor, o choque, até o simples contacto, bastam para produzir a decomposição d'este corpo, a qual tem logar com explosão.

A precipitação dos saes d'prata pelo mercurio dá logar a uma curiosa cristalisação metálica, conhecida pelo nome de *arvore de Diana*. Basta para obter esta cristalisação meter n'um vidro uma dissolução de azotato de prata, e deitar-lhe algumas gotas de mercurio. A prata precipita-se, e amalgama-se depois com o mercurio que occupa o fundo do vaso; depois, continuando o deposito, vêm-se formar os cristaes de prata, amontoarem-se uns sobre os outros, e gruparem-se de forma que produzem as ramificações a que os alchimistas deram o nome de arvore de Diana.

Quando se faz evaporar uma dissolução de prata no acido nitrico, resulta d'ahi o nitrato de prata, sal mui caustico que se cristalisa em lamínas delgadas e transparentes, fusivel a temperatura pouco elevada, e que se decompõe depois da fusão se o continuarem a aquecer. A agua e o alcohol dissolvem-no, e como todos os azotatos, fulmina sobre carvões ardentes, e causa detonação pelo choque.

Tem a propriedade de corroer rapidamente as

substancias organicas e enegrecl-as, cobrindo-as com uma pellicula de prata. Por isso tambem serve para marcar indelevelmente a roupa; mas a dissolução para tal uso deve ser fraca, senão queima o tecido. Junta-se-lhe gomma, e applica-se a tela. Os caracteres feitos com esta dissolução enegrecem dentro em pouco.

A pedra infernal que cauterisa e queima as carnes é o azotato de prata derretido e moldado em pequenos cylindros.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1853.)

CAPITULO IV.

Meu irmão, eu e o jogo do xadrez — Opinião de Brahmane — Tiék acerca d'este jogo — O cavalheiro de Barnevile — Inventores do xadrez — Causa porque lhe consagro este capítulo

O leitor, por mais instruido que seja, pode muito bem succeder que não conheça meu irmão nem saiba jogar o xadrez?... Pois sendo assim lastimo-o sinceramente, por muitas razões que verá n'este e n'outros capitulos d'esta interessante viagem. Meu irmão é um excellente rapaz, um dos melhores rapazes que tenho conhecido na minha vida; posso mesmo acrescentar que tão bom como elle não conheço verdadeiramente senão outro — que sou eu. Espero que me não tomem a mal a ingenuidade d'esta confissão. — Meu irmão é agora meu companheiro de peregrinação por esta nossa intransitável e abençoadha terra. Não ha dois meses que elle chegou a Portugal; veiu da cidade do Pará (Brazil), onde tem o seu estabelecimento de commercio, e veiu unicamente por causa das duas ultimas pessoas de familia que lhe restam, uma das quaes não via ha dez annos, e outra ha dezesete. Empreendeu a penosa viagem de duas mil leguas somente para abraçar seus irmãos e viver com elles meia duzia de meses. É esta uma das primeiras causas porque eu lastimo o leitor que o não conhece. Há poucos irmãos que se dêem a taes incomodos, que, alem do mais, custam contos de reis! — O amor da familia e da patria o conduziu de tão longe, e vencendo tantos perigos; o mar e os ventos, apreciando o sentimento que o trazia, foram-lhe propicios até ao Tejo; porém o céo de Portugal, tão cantado por todos os poetas (minha culpa, minha maxima culpa!), recebeu-o brusca e nebulosamente, e o conselho de saude publica do reino fechou-o brutalmente no lazareto por espaço de onze dias que foi para lhe tirar o appetite de tornar, e a todos os que ainda na terra do exilio se lembram saudosos do paiz natal.

Meu irmão tem apenas mais um anno de edade do que eu, e tambem algum tempo teve o fraco de fazer versos. Perdoem-lhe porque se emendou!

Foi quando eu comecei... ha quatorze annos. Eramos fortes poetas! liamos e commentavamos o Camões com tanta audacia e desembaraço como se tivessemos a autoridade dos mais abalisados criticos do mundo! Notávamos incorrecções no Bocage, achavamos dureza em Ferreira, e (Deus nos perdoe!), parece-me que ate fomos à mão a moral e a philosophia do Sá de Miranda, dizendo que elle se não devia ter mettido a poeta! Ao Bernardes perdoavamos tudo pela harmonia, e não sei porque outras causas que só nos sabíamos. Creio que condemnámos aos limbos do esquecimento muitos poetas e muitos livros que nem por isso deixaram de viver do mesmo modo, e que ambos lemos hoje com prazer. Mas o que nos dava tamanho atrevimento era a dícosa edade de que nos tínhamos e que eu antes queria possuir ainda, do que ter chegado ao ponto de poder honrar a minha terra e o meu seculo com obras tão immorredouras como esta... — Eu fazia versos como um desalmado, e os versos fiam-se pelos rapazes da minha edade com mais entusiasmo, do que o proprio *Camões* do Garrett, que era um livro adorado por nós todos. Eu escrevia de modo a fazer esquecer a memoria de Lope de Vega, Calderon, e Tirso de Molina que entre todos tres produziram perto de quatro mil comedias. Aos dezesseis annos também eu já tinha escrito pelo menos cinco volumes de versos! Felizmente não se imprimiram, nem permitta Deus que tal succeda. Eu não conservo uma unica estrophe, mas ha curiosos, amadores, que religiosamente guardam sonegados, na provinça do Para, alguns d'esses primeiros monumentos do meu talento precoce. Apanharam-m'os ainda em epochas que eu considerava tesouros de harmonia, e hoje tremo cada vez que me lembro de que elles podem ir cair ás mãos de algum pedaço d'asno que os publique em meu nome! Se tal succeder, que ao menos seja em minha vida porque não só nego a paternidade da obra, mas irei querelar do officioso editor. Não é porque os versos não teem grammatica que me negarei a reconhecer os: ha poetas entre nós que gosam de alguma fama e também não fazem uso da grammatica; é por que d'elles me resultaria de certo tanta gloria que tornaria meus inimigos, por inveja, todos os que se dizem hoje meus amigos. Meu irmão foi mais sensato do que eu; acudiu a tempo á doença de que se sentia ferido, e curou-se depois de queimar tudo quanto tinha escrito. Outra prova de maior bom senso foi não largar nunca da mão as suas composições e por isso as pôde suprimir. E não só se deixou de poetar, mas para se curar bem radicalmente entregou-se em corpo e alma ao uso dos algarismos, que foram sempre os meus captaes inimigos. Eu fiquei o detestável poeta que sabem, e meu irmão fez-se mathematico. Almoçava arithmetic, jantava algebra, e ceava os problemas mais arrevesados e bravios que povoam aquellas regiões seccantes. Habitou-se por fim, formou-se com aquel-

les estudos aridos e difíceis que lhe desenvolveram prodigiosamente as faculdades intellecuaes, mas creou tambem a necessidade de uma applicação constante. O seu prazer é calcular, devorar problemas que resolve com espantosa facilidade, e se se entregasse exclusivamente ao estudo das sciencias exactas daria honra ao seu paiz: mas a vida commercial consome-lhe todo o tempo.

Para satisfazer ás exigencias da sua organisação, meu irmão aprendeu a jogar o xadrez.

O xadrez é um jogo importantissimo e aconselho ao leitor que, no caso de não o saber jogar, o vá aprender immediatamente.

Toda a gente de gravata lavada deve saber jogar o xadrez.

Supponha o leitor que um acontecimento qualquer o leva ás Indias, é que tem de viajar em palanquim pelo interior de Bengala; todas as raças do Indostão jogam o xadrez, e o viajante europeu dará uma triste ideia da nossa civilização se ficar estacado diante do taboleiro, sem saber como se move ao menos um peão.

Se fosse meu irmão quem escrevesse este capitulo de certo o tornaria mais succulento, citando mil exemplos, historias, ou anedotas, ácerca da conveniencia de se saber jogar o xadrez. Meu irmão tem lido tudo quanto se tem escrito sobre a materia, e convenceu-se tanto da utilidade do jogo, que por causa d'ele estudou e aprendeu a lingua ingleza assim de poder ler todos os problemas publicados na *Illustrated-London-New*. Este exemplo de um homem aprender uma lingua por causa do jogo do xadrez, se fosse na India, o menos que teria valido a meu irmão seria uma patente de bramane; e na China o titulo de mandarim. A Europa, degenerada ou ignorante, passa desaparecida por estes rasgos, exemplos vivos das grandes vocações. A historia do xadrez está cheia de tales exemplos.

Meu irmão, estudando o idioma de Shakespeare, além das vantagens de conhecer mais uma lingua, habilitou-se a disputar a gloria aos *feld-marechaes* do jogo, resolvendo os problemas publicados na *Illustração ingleza*. A maior parte d'esses problemas são enviados pela companhia das Indias orientaes, que os encommenda aos bonzos do pagode de Nagpour; e é fama que alguns d'elles são concebidos pelas proprias divindades indianas. O problema pela resolução do qual o proprio Philidor daria cartas patentes de seu logar-tenente, é aquelle em que *um delfim e um peão do rei branco, auxiliados por este, em tres mudanças sómente, dão cheque-mate ao rei preto*. Esta combinação prodigiosa attribue-se a Vischnou, o proprio deus Vischnou, que a descobriu estando a jogar com o elephante de pedra, Yriarte, junto aos dez templos d'Elora. Foi um Nababo inglez, que adquiriu um figado e uma fortuna monstruosa em Calcutá, quem trouxe pela primeira vez á Europa esse problema quasi fabuloso. A primeira pessoa a quem o apre-

sentaram foi ao grande rei Luiz XIV, ao qual não valeu o *nec pluribus impar* para resolvê-lo. Mr. de Barnevile, o deão do xadrez, não o decifrou senão depois de oito dias de trabalho em que a colera, o frio e a febre o tiveram quasi doido, por não o acertar com a rapidez que desejava; Philidor gastou um mês; Labordonnais, trinta e tres dias e tres horas; Pastron, estorrou com uma apoplexia fulminante, sem achar o *mate*; e meu irmão, só no fim de tres meses de lucta pôde collocar o peão branco triumphante onde o rei preto se deve, segundo o mysterioso problema, confessar vencido. — É admirável!

Apesar do cuidado que teve meu irmão, apenas chegou a Portugal, de iniciar-me no movimento das peças, nunca me passou pela cabeça o procurar a resolução que deu tanto que fazer aos grandes mestres, sendo fatal a um d'elles. Com tudo, gosto do jogo porque os seus lances são todos variados, todos tem novidade, nunca se pode repetir uma partida igual á anterior, e, finalmente, o conhecimento do jogo do xadrez dá um certo perfume de sabedoria Indiana, que não é desagradável.

O bramane Tiéki, de Djagrenate, dizia, que para viver muito tempo é preciso jogar o xadrez todos os dias depois de jantar. Este jogo, segundo a opinião do sabio Indiano, traz a velhice aos moços, e remoça os velhos. Desde que a gente se hábituar, continua elle, a consagrar certas horas de cada dia á sua partida, já não pode morrer, porque tem de tornar a jogar no dia seguinte. A sabedoria Indiana revela-se n'estas palavras. — E o bramane viveu cento e quarenta annos!

O cavalheiro de Barnevile creio que já não sabe a edade que tem hoje. O cavalheiro vive em Paris, e joga o xadrez todos os dias; a morte está tão costumada a vê-lo avançar o seu primeiro peão ao meio dia em ponto, que não tem tido animo de o ir incomodar!...

O nobre jogo do xadrez foi inventado, segundo uns pelo grego Palamedes, e segundo outros pelos chins.

Palamedes é um personagem dos tempos heroicos; era filho de Nauplius, rei da ilha de Eubea. Foi elle quem descobriu, por um habil estratagema, que Ulysses se fingia louco para não ir ao cerco de Troya. O rei de Ythaca vingou-se d'elle covardemente fazendo-o apedrejar, com o concurso de Diomedes, por um crime que não tinha commettido. Diz-se que fôra durante o cerco de Troya que Palamedes inventou o jogo do xadrez, o dos dados, os pesos e medidas, e varias letras do alphabeto grego.

Vê-se que o homem não era tolo, e que o espetáculo d'aquella guerra, que deu assumpto para Homero escrever a Illiada, podia muito bem inspirar a Palamedes a invenção do xadrez; mas para fallar a verdade os chinas tambem não são nenhum pedaço d'asnos, e o seu Confucius vale bem o Palamedes dos gregos. A palavra *cheque*, empregada no jogo a cada momento, vem

do persiano *Schah*, que significa *rei*, e por isso mais parece que os persas seriam os inventores... Como quer que seja, o xadrez é um jogo de origem asiatica e já se jogava no tempo de Abderraman rei de Cordova, de preferencia a todos os outros: é o jogo dos sabios por excellencia.

O leitor quererá talvez saber a causa porque escrevo este capítulo, do jogo do xadrez, na minha interessante viagem? Eu lh'o digo: Meu irmão é um verdadeiro *cordon-bleu*, e por isso não viaja sem o seu taboleiro: quando chegámos ao Porto soubemos com grande lastima que poucas pessoas d'esta cidade sabem jogar o xadrez; e como precisámos de *parceiros* tratamos logo de crear discípulos. Abrimos pois um curso em casa do nosso amigo A. de Moraes, e ali preparamos theorica e praticamente algum futuro Philidor. Ha oito ou dez dias apenas que principiamos e já temos um notável aprendiz que da grandes esperanças. O seu amor ao jogo manifesta-se de um modo novo. O entusiastico adepto foi desenterrar do pó das livrarias tudo quanto os antigos escreveram acerca do xadrez. Cita autores, conta anecdotas, descreve partidas historicas, e enche meu irmão de jubilo. Quanto a mim, confesso que qualquer d'estes dias o mando ao diabo, porque me tem saturado com as suas narrações. O meu entusiasmo esfriou alguma coisa desde que foi iniciado este *macador*: mais um ou dois como elle, e eu perderei inteiramente o gosto. De passagem notarei que o mencionado aprendiz é tanto mais digno de castigo por se dizer meu amigo; e secca-me despiadadamente!

Em abono da verdade devo dizer que já se falla muito no jogo, que todos o querem aprender, e que alguns dos bons poetas da terra o jogam á noite no café da rua de Santo António. É uma glória para meu irmão que ajudou a propagar na cidade invicta o gosto por uma sciencia, porque o xadrez é uma sciencia, a que na India se chama impropiamente — a primeira e a mais bella das artes.

No capitulo seguinte verá o leitor a descrição de uma das mais serias e memoráveis partidas que se tem jogado no mundo, e poderá, se tiver taboleiro, jogal-a consigo mesmo.

GOMES DE AMORIM.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

III

Continuação.

Quando a rainha Isabel de Castella foi aclamada na cidade de Segovia em 13 de Dezembro de 1474, havia desintelligencias graves entre a França e o Aragão por causa do condado de

Roselhão e Affonso v comprehendeu desde logo, quão útil seria a sua causa ligar-se politicamente com Luiz xi, que se tornara um dos reis mais poderosos da Europa.

Em 8 de Janeiro de 1475 participava Affonso v a Luiz xi o seu proximo casamento com a infanta D. Joanna, filha de Henrique iv de Castella, procurando provar a legitimidade do nascimento d'esta princeza, e os direitos incontestáveis que possuia á corôa de Castella. Em 30 de Janeiro do mesmo anno, Affonso v escrevia outra carta ao rei de França sobre o mesmo assunto, apontando-lhe os inconvenientes que se seguiriam de ser o Aragão reunido a Castella, e em que lhe manifestava a esperança de o ver oppor-se vigorosamente á ambição do rei de Sicilia. (1) Luiz xi respondia a estas comunicações em carta de Abril de 1475, aonde lhe dá parte que lhe envia Oliveiro Le Roux seu secretario, e ao mesmo tempo lhe promette escrever ao papa em favor das suas pretenções á corôa de Castella.

Alguns grandes de Portugal entretanto haviam-se oposto no conselho aos designios de Affonso v. O duque de Guimarães e marquez de Villa-Viçosa e o arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa, depois tão conhecido pelo nome de cardeal de Alpedrinha, manifestamente se declararam contra o pensamento de se entrar em Castella, e foram de voto que se deixasse aos naturaes o favorecer e suster a causa da infanta D. Joanna. (2)

Foi pouco mais ou menos n'esta conjunctura que Affonso v recebeu uma carta de Fernando del Pulgar, (3) homem de confiança dos reis ca-

(1) Manuscriptos pertencentes á Biblioteca Real de Paris, citados e extractados pelo visconde de Santarem no seu livro « Noticia dos Manuscriptos pertencentes ao Direito Publico Externo Diplomatico de Portugal. » Foi por embaixador a el-rei de França D. Alvaro de Attaide, por causa da qual embaixaada Luiz xi quebrou as tregosas que havia feito com o rei de Aragão, pae de D. Fernando. Chronica do principe D. João por Damião de Goes cap. XLVIII. As relações de Affonso v com Luiz xi haviam começado antes, porque n'um dos codices da mesma Biblioteca encontra-se uma carta original de Affonso v, datada de Elvas a 23 de Abril de 1464, para Luiz xi, rei de França, relativa a D. Pedro de Portugal, que se dizia ter ido a Barcelona, tomando o titulo de rei.

(2) E porém o conselho do arcebispo de Lisboa, que depois foi cardeal, e do duque marquez de Villa Viçosa por causas muitas que allegaram, foi que el-rei em tempos de tanta divisam, e com tamanho pensar contrario como tinha, não devia entrar em Castella nem aceitar a empreza d'ella, e deixal-a os naturaes que a quizessem favorecer e suster. Ruy de Pina. Chronica de D. Affonso v. Cap. CLXXIII.

(3) Fernando del Pulgar tinha grande influencia junto á pessoa do cardeal de Hespanha D. Pedro de Mendonça, e era secretario dos reis catholicos. A principal obra que escreveu foi *La Coronica de los Reys Don Fernando y Dona Ysabel*, que continuou até ao anno de 1490. Eis o que escreve acerca f'elle el dr. Lorenzo Galindez Carvajal, que escre-

tholicos, que é fora de duvida ser escripta a pedido e por insinuação dos seus protectores. (*) A carta, que abunda em analogias da historia sagrada, e em citações de padres da egreja, a principal sciencia d'um erudito do seculo xv, é um documento precioso para o estudo da epoca.

« Muito alto e poderoso senhor. Sabido tenho a inclinação que vossa alteza tem de intentar esta empreza de Castella que alguns cavalleiros della vos favorecem e depois de haver bem cuidado nesta materia de escrever a vossa alteza o meu parecer.

« Bem he excellente senhor rei que sobre coustam alta e tam ardua haja em vosso conselho alguma practica de contradicção, o que em honra da vossa corôa real e bem e accrescentamento de vossos reinos, mais convém seguir; e para isto, mui poderoso senhor segundo em as outras guerras santas que fostes victorioso o fizestes, porque em esta com animo limpo de paixão o certo melhor se possa discernir.

« Meu parecer é que antes de todas as couzas aquelle redemptor se consulte e aquelle se olhe que sempre nos guia, e se lhe suplique que as vossas couzas e estado segure e prospere, porque como quer que vosso fim é ganhar honra nesta vida, ou neste mundo, vosso principio seja ganhar vidas em outro.

« Quanto toca á justiça que vossa sobrinha diz que tem aos reinos de el-rei D. Henrique, que é o fim do movimento d'estes cavalleiros de Castella é o primeiro que vossa alteza deve olhar; eu por certo nam determino por ora a sua justiça, pois vejo estes que vos chamam por executor della são o arcebispo de Toledo, o duque de Arevalo, e o filho do Mestre de Santiago que foram aquelles que firmaram por toda a Hespanha e fora della esta senhora nam ter direito ao reino de el-rei D. Henrique nem poder ser sua filha por impotencia experimentada que delle todo o mundo sabia, e elles por suas cartas e mensageiros o divulgaram, e além disto lhe tiraram o titulo real, e fizeram divisão em seus reinos dois annos: depois de saber como acharam entonces a esta senhora nam ser herdeira de Castella, e puzeram sobre ella seus estados, e condição, e como acharam agora ser legitima successora e querem pôr a elle o vosso.

veu *Anales Breves del reinado de los Reys Catholicos D. Fernando y Dona Isabel.* « Lo que Antonio de Lebrija despues escribió no fue como coronista, sino que tomó titulo de ello, aun como traduzidor de romance en latin, de lo mismo que tenía escrito Fernando del Pulgar: porque io fui testigo, que le di la coronica original para que la traduzese in latin. Veja-se Moreri, e a Collecção de Documentos Ineditos para a Historia de Hespanha. Tomo XVIII.

(*) Pulgar, secretario de Fernando e Isabel dirigiu, por sua ordem, uma carta de conselho ao rei de Portugal, em que procura, por numerosos argumentos fundados na experientia e justiça, dissuadir-o da sua meditada empreza. *History of the reign of Ferdinand and Isabella By William H. Prescott. Vol. Iº Cap. V. Pag. 143: nota.*

«Estas variedades, mui poderoso senhor, dam causa e nota de suspeita que estes cavalleiros nam vem a vossa alteza com zelo de vosso serviço se nam com desejo de seus proprios interesses que el-rei e a rainha nam quizeram, ou por ventura nam cumprem segundo a medida da sua cubica; a qual tem occupada a razão em alguns homens que tratando seus proprios interesses que a ella dam direito alheio donde acham sua utilidade propria, e deveis crer mui excellente senhor, que poucas vezes vos sejam fieis aquelles que com dadivas, augmentos ou rendas vos ham de soffrer; antes é certo que todos estes vos sejam desservidores porque nenhum dos semelhantes vam a vós como devem ir, mas como cuidam de alcançar; e quando haja vencido da justiça de vossa real senhoria accordar-se toda-via a acertar esta empreza; eu duvidaria entrar em aquelle reino tendo elle por ajudadores e menos por servidores os que o pecado da divisam passada fizeram querer de novo agora fazer outra, reputando a pecado venial, como é certo um dos crimes ser que na terra se pode fazer e cometer: é signal certo de espirito dissoluto e inobediencia pelo qual pecado cs de Samaria que foram causa da divisam do reino de David foram tam excommungados que nosso Redemptor mandou a seus discipulos, na primeira provin-cia de Samaria, nam entreis numerados no go-verno dos Idolatras: e ainda por taes mandou o homem de Deus a el-rei Amacias que nam ajuntasse suas gentes com elles para a guerra que entrou a fazer na terra de seis em caso que este rei havia trazido como muitos delles, e pagando-lhe o soldo os deixou por serem varões de divisam e escandalo, e nam ousou involver-se com elles nem gozar de sua ajuda em aquella guerra por nam manchar a Divindade, a qual em todas as cousas maiormente em a guerra devemos ter applicada, que sem ella nenhuma cou-sa ha, nenhum saber vale, nem trabalho apro-veita: e por tanto olhai por Deus, Senhor, que vossas cousas que até hoje floreceram nam as in-volveis com aquellas que o direito dos reinos que e divino olhariam nam segundo sua realidade, mas segundo suas paixões e proprios interesses. E quanto á promessa tam grande e tam doce como estes cavalleiros vos fazem do reino de Castella com pouco trabalho e muita gloria, ocorre-me um dito de Santo Anselmo que diz: composta é e mui enfeitada a porta do perigo; e por certo, senhor, nam pode ser menor afeitamento nem com-postura, do que estes vos apresentam, porém eu faço mais certo o perigo d'esta empreza que sin-to o effeito da sua promessa: o primeiro porque nam vimos aqui outros cavalleiros senam estes senhores, e estes nam dam superioridade nenhuma de sua liberdade, e caso que a haja outros secretos já affirmam serem claros; os quaes nam cuidam ter firmeza como os vemos contempor-i-sar como soem, para declinar á parte a que a fortuna se mostrar mais favorable.

O segundo porque dado que todos os mais das

grandes cidades e villas como estes promettem venham logo a vossa obediencia nam é duvida segundo a parentella que el-rei tem, e muitos cavalleiros e grandes senhores e Villas sejam por elle e pela rainha nos quaes assim mesmo os po-vos é voz divina de repugnar o desuso e querer com franca vista ver-se os fortes raios de sol: e mesmo porque vossos subditos nenhuns se compadeceram com os castelhanos: entrando vossa alteza em Castella com titulo de rei pode-ria ser que as inimizades e discordias que em si tem, e dos que estes fazem fundamento a vos-so reino todos vos desamassem e contestassem contra vós: gente por odio que antigamente con-tra elles é, e outros porque não mudem o parti-do que tiveram para se ajuntar com a parte que mais largamente se com elles houver; e assin que senhor passareis vossa yida dando e negan-do: officio trabalhoso, sujeito e não arreigado que é o fim que vós desejaes.

«Estes cavalleiros tornando pois agora a fallar da justiça da senhora vossa sobrinha, eu, muito alto rei e senhor faço de justiça duas partes, uma é esta que vós outros reis e senhores e princi-pes a vossos officiaes por causas provadas man-dais executar em vossas terras, e a esta convém proceder prova e declaração antes que a execu-ção; outra justiça é que por direito Divino por pecados a nós outros occultos vemos às vezes as pessoas proprias dos delinquentes e em seus filhos menores, assim como foi el-rei Roboam, filho de el-rei Salomam quando de doze partes do seu reino logo em reinando perdeu as dez não podia Roboam cometer pecado ate então por onde os devera perder: e como ajuntasse gente do seu reino para recobrar o que perdera Semei Propheta de Deus lhe disse da sua parte: «Está quedo, não peleijes que nam he vontade de Deus que cobres isto que perdes, e como quer que Deus nam faz nam permitte fazer cousa sem causa: porém o Propheta lho não declarou, por que tam honesto e comedido he Nossa Senhor que ainda despois de morto Salomam nam o quiz deshonrar, nem a seu filho envergonhar decla-rando-lhe os pecados occultos do pae porque lhe aprove a seu serviço e por culpa do rei perder quem lhe succede estes bens temporais que per-dia. Em a Sagrada Escrittura e ainda em outras historias authenticas ha destes casos exemplos: mas porque nam vejamos só as cousas antigas e perigrinas, este vosso reino de Portugal à rainha D. Beatriz filha de el-rei D. Fernando herdeira e mulher de el-rei D. João o I de Castella per-tencia de direito, porém prove a outro juizo oc-culto de o dar a el-rei D. João vosso avô ainda que bastardo e professo da ordem de Aviz, e por que contra este occulto juizo este rei D. João quiz reinar, cahiram aquella multidão de caste-lhanos que em Aljubarrota sabemos e he notorio que foram mortos.

«De direito claro sabemos que pertencia o rei-no de Castella a el-rei D. Pedro, porém vemos que por virtude dos juizos occultos o possuem hoje

os descendentes de el-rei D. Henrique seu irmão ainda que bastardo, e se quizer vossa alteza exemplos modernos, hontem vimos o reino de Inglaterra que pertencia ao filho de el-rei D. Henrique, e o vemos possuir pacifico el-rei Eduardo que matou a seu pae, e ao filho; e como quer que vemos cada dia estes semelhantes feitos que nem somos nem podemos ser sabedores d'elles, dos juizos de quem as obras em especialidade dos reis cujo juizo he só de Deus que os castiga as vezes em suas pessoas e bens ás vezes em successão de seus filhos segundo a medida de seus erros.

Santo Agostinho no primeiro livro da cidade de Deus diz; o juizo de Deus occulto pode ser unico.....; pois mui excellente senhor, el-rei D. Henrique cometeu em sua vida alguns pecados porque Deus tinha deliberado em seu Juizo secreto dispôr do seu reino em outra maneira de que a senhora vossa sobrinha espera: estes cavalleiros procuram, segundo fez Jeroboam, e os outros, o que declarado tenho a vossa senhoria.

Dos pecados publicos se diz, na administração da justiça que aquelle que he de sam entendimento que nam vê quam difficil he esta que vossa senhoria toma e faz facil esta guerra que dizem pequena quanto seja grande, e a materia d'ella perigosa em a qual em algum juizo de Deus ahí ha por aonde vossa alteza reinando houvesse algum sinistro caso; considerai bem, senhor em quam grande aventura pondes vosso estado real e em quanto cuidado vossa fama pondes que pela graça de Deus por todo o mundo reluse: além disto de necessário hade haver queimas e robos e adulterios, rapinas, destruições dos povos e das casas e dos corações e sacrilegios; o culto Divino prophanado, e a Religião apostatada, e outros muitos estragos e roturas que da guerra surtem: tambem vos considera saber e sofrer robos e robadores e homens temidos sem castigo algum, e aggravar as ciudades que he oficio de tirano e nam de rei; e o vosso reino em tanto nam será livre de tantos infortunios, porque em cazo que os inimigos os nam gerassem vos era forçoso carregal-o com tributos continuos e servidões para a guerra: necessário os fatigareis: de maneira que provando uma justiça consentireis muitas injustiças: além disto vossa real pessoa que por graça de Deus agora aqui está é necessário que se altere vossa consciencia, e que por força se corrompa, temor que tem vossos subditos a vosso mandado, he necessário que se afrouxe; estais quito de molestias e que he certo havereis muitas; estais livre de necessidades, e metteis vossa pessoa em tantas e taes que por força vos farão sujeitar daquelles que a liberdade do que agora tendes sendo rei e senhor; e porque conheçam quanto zelo por vossa senhoria e limpeza de vossa pessoa e alta fama, quero trazer á vossa memoria como enviastes vossa embaixada a demandar por mulher a rainha, tambem é notorio quantas vezes

em vida de el-rei D. Henrique que vos foi oferecida para mulher vossa sobrinha e nam vos aprouve de a aceitar porque dizia vossa consciencia real nam se lançaro direito de successão: pois considerai agora esta mudança e emprenderes cousa publica porque a devais, nam haverá rasam de cuidar agora que olhais direito a soccorrer a vossa irmã nam porque seja direito, mas porque a rainha que demandastes por mulher contractou antes matrimonio com el-rei seu marido (*) que com vosco que a demandastes: e haveria lugar de suspeitas de cousas indignas e contrarias muito ás divinas virtudes de vossa real pessoa que por todo o mundo estam divulgadas, e tam maravilhado, de que fazem fundamento deste reino no discurso dos cavalleiros e gente delle como se fora impossible a reconciliação entre elles e conformar-se contra vós e vossas gentes: podemos dizer por certo muito alto senhor que o que isto nam vê he cego de entendimento, e o que o ouve e nam conhece he surdo e desleal: olhai, senhor, nam sejam estes cavalleiros os que aconselharam nam segundo o direito, mas segundo vossa vontade de principe: muito alto e muito poderoso rei e senhor antes que esta guerra se comece se deve muito olhar na entrada e saída, porque principiar guerra quem quer o pode fazer, sahir della he só com os caços que a fortuna lhe offerece os quaes são tanto de variedades e perigos para os estados dos reis, principes e grandes, que nam se lhe devem acometer sem grande e madura deliberação de cousas muito justas e certas. A real pessoa de vossa alteza guarde Deus largos annos."

Osacontecimentos haviam de justificar em breve as palavras de Fernando del Pulgar.

LOPES DE MENDONÇA.

(*) Henrique IV de Castella resolvera casar D. Afonso V com sua irmã D. Isabel, e o principe D. João, depois D. João II, com a infanta D. Joanna sua filha; mas quando D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, partiu para Castella, já a infanta D. Isabel se desposara com o principe D. Fernando, filho de el-rei D. João de Aragão, celebrando-se as bodas em Valbadolid, sem o consentimento do rei de Castella. Veja-se Damião de Goes. Chronica do principe D. João. Cap. XXXVIII.

Publicaram-se os Canticos de José da Silva Mendes Leal Junior. É um livro de poesias selectas, contendo 400 paginas, em 8.^o frances. Vende-se por 720 réis no armazem de livros do editor, A. J. F. Lopes, rua do Ouro n.^o 227 e 228 (antiga numeração).

Publicou-se o 3.^o volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedie em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.